

## **DEIXE QUE EU FALE DA IDENTIDADE INDÍGENA XAVANTE**

Aquilino Tseré' U'ô Tsirui'á

A identidade é uma das grandes questões a ser desvendada não só pela Antropologia, mas pela Filosofia, História, Ciências Sociais, Psicologia...

A identidade deve ser vista como sendo elaborada a partir de dados da história étnica, ligada a uma tradição, às próprias origens, com suas diversas influências. Assim, será formada uma relação diferente com os outros.

A composição da identidade é complexa, porque cada um é composto de elementos múltiplos que pertencem a cada grupo étnico. Os elementos pelos quais é construída a identidade mudam ao longo da vida de acordo com os momentos históricos.

Busco em SILVA (org.) (2009), com base na obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, a sustentação para o termo identidade, como entendo e como pretendo definir: uma relação com o EU, enquanto indivíduo e Nós, a coletividade.

Ainda podemos dizer que a identidade é o EU que tem uma relação íntima com os outros e com as coisas. Para alguns pensadores clássicos, a identidade é aquela que o EU, constrói, mas que pode até fracassar o próprio EU. Sabemos que a identidade é um relacionamento da pessoa com o que tem o EU e o contato que realiza diretamente no dia a dia com os seus próprios compromissos, sua cultura, sua luta, suas conquistas e com tudo mais aquilo com que a pessoa se relaciona.

Autores renomados escreveram a respeito da identidade dos indígenas, procurando mostrar o seu modo de ver e perceber os índios em seu cotidiano, sua trajetória de serem diferentes diante das populações com as quais convivem, mas não falam diretamente das questões da identidade de forma geral, entretanto, mencionam a identidade de uma só tribo, de um só grupo indígena, para poder ser entendido melhor por seus leitores.

Neste texto, pretendo mostrar a identidade do povo Xavante, ao qual pertencço, nossa origem, nossos costumes e tradições, cujas características constituem essa identidade indígena.

A identidade indígena era, antes do contato com os não-índios, livre de qualquer influência externa. Os nomes que os Xavante recebem ao nascer, tanto o menino como a menina, vinham dos avôs e avós. Às vezes, os nomes também eram recebidos dos irmãos e irmãs do pai.

Culturalmente, os Xavante recebiam os nomes para cada fase da vida. Logo ao nascer, e não como dizem alguns autores clássicos que sustentam que os Xavante recebiam o nome quando tinham dois anos de idade. Quando o menino ou menina chegavam à fase pré-adolescente (*ai'repudu*), recebiam outros nomes, deixando de usar os nomes que, ao nascer, recebiam dos avôs e avós.

São os pais que mudam os nomes dos filhos. Na fase de *'ritéi'wa* (moço), troca-se o nome e a moça também. A última fase que o povo indígena Xavante altera o nome é na fase de *danhoui'wa*, compreendido como padrinho dos *wapté* (adolescente). Durante as fases que os Xavante recebem os nomes, nenhum dos nomes deve ser deixado de lado, porque futuramente vai ser preciso usá-lo quando tiverem seus filhos. Os Xavante compreendem isso. Esse moço, quando tiver filhos e filhas, deve nominá-los com os nomes que ele recebeu ou, o seu pai, se quiser, dá o nome de alguns dos parentes ancestrais a esse novo ser. A liberdade de os pais darem os nomes aos filhos era assim antes do contato com o mundo não-indígena.

Com o progresso da civilização, o povo Xavante não tem mais a liberdade de poder usar esses nomes todos, porque toda essa influência externa também afetou a cultura do povo Xavante. Eu não sei como fica a semelhança, se os não-indígenas afirmavam que somos iguais e parecidos, porque nos foi imposta a visão dos que chegavam.

Essa identidade da qual estamos falando, emoldurou o povo Xavante, limitando o seu modo de ser e de se expressar livremente na escolha de vários nomes. Essa chamada identidade, que denomino de europeia, porque veio da Europa, mudou o olhar do povo Xavante em relação a sua identidade, fazendo com que perdesse sua forma primitiva de definir sua própria identidade.

Menezes (1984, p.01), estudando o grupo indígena Xavante de Mato Grosso, mostra a identidade grupal e não a individual, confirmando a sociabilidade desse grupo em relação aos demais grupos.

Os Xavante, grupo Jê do Brasil Central, ocupam um território descontínuo que totaliza, aproximadamente, um milhão de hectares, com população global de 4.440 índios, distribuídos por seis áreas distintas: as Reservas São Marcos, Sangradouro, Marechal Rondon, Pimentel Barbosa, Areões e Parabubure (que inclui os postos indígenas Xavante e Kuluene) localizadas no Estado de Mato Grosso. Deste total, 63% (correspondendo a 2.794 índios) viviam sob ação da administração oficial e 37% (ou seja, 1.646 índios) nas Missões Salesianas (São Marcos e Sangradouro).

Apesar de constar a área de um milhão de hectares, já não se pode confirmar, porque a área destinada hoje aos Xavante não passa de 18.000 hectares.

De acordo com a literatura, atualmente, encontramos muitas aldeias, totalizando uma população de 15.000 (quinze mil) habitantes distribuídos por 150 áreas destinadas para esses grupos, Comprovando o aumento da população em relação aos dados da referida autora.

Essa memória histórica sobre a identidade ou certidão de nascimento dos Xavante começou nas duas missões: Sangradouro e São Marcos, em Mato Grosso. Os dados dos Xavante foram distribuídos de acordo com o desejo dos missionários, com os nomes em português, e todos deviam ser inscritos no livro de ATA, como organização daquele povo que se encontrava naquela aldeia colada à Missão. Os Xavante foram inscritos pelo primeiro nome em português, o segundo nome indígena e o mais usado era o nome dos pais, o que valeria para o resto da vida.

Nos anos de 1970, quem fazia as certidões eram os chefes não-indígenas dos postos, que moravam nesses postos das aldeias ou próximos a eles e eram funcionários da Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Essa certidão tornava-se um cartão de identidade com foto que não era reconhecido no cartório civil, mas valia como carteira de identidade oficial expedida por órgão competente. Quem quisesse ser funcionário da FUNAI deveria ir ao cartório apresentar sua carteira de identidade da FUNAI para poder fazer a carteira de identidade oficial.

Até os anos de 1980, era a FUNAI que ainda tomava conta dessas carteirinhas expedidas por ela. Quem quisesse ser professor nas escolas indígenas, antes devia apresentar a sua certidão de nascimento para a FUNAI poder contratá-lo como professor bilíngue. Eram contratados aqueles que fizessem cursos promovidos por essa instituição. A FUNAI, conforme registro, promoveu duas etapas de cursos para

monitores no ano de 1978, de março a julho, na aldeia de Namuncurá e, no ano de 1980, na aldeia de Aldeona Kuluene em Mato Grosso.

Os indígenas Xavante, que participaram desses treinamentos, eram denominados monitores pois, naquela época, nem se quer existiam escolas nas áreas indígenas. Com essas mudanças, os indígenas deviam apresentar a certidão de nascimento na sede da FUNAI para poder fazer a carteira de identidade dessa instituição. Esse era o segundo passo para fazer a certidão de nascimento, o terceiro passo: a FUNAI encaminhava cada pessoa para fazer a carteira de identidade oficial, que deveria ser feita com o mesmo nome de quando foi certificado na certidão de nascimento que recebeu na aldeia.

A partir de 1989, os próprios chefes indígenas, funcionários da FUNAI, prestando esse serviço na aldeia, registravam as crianças.

As aldeias de São Marcos e Sangradouro, sem falar das reservas, estão localizadas em Mato Grosso. São Marcos fica a 126 km do município de Barra do Garças e Sangradouro a 222 km. Naquela época, essas duas aldeias eram menores e foram evoluindo, tornando-se atualmente numerosas.

Hoje, São Marcos, menor que Sangradouro, conta com uma população em torno de 650 habitantes e Sangradouro com 920 habitantes. São Marcos era uma aldeia maior em população do que as outras aldeias e foi dividida em maio de 2002, por questões de política interna, sob a influência de pessoas de fora. Com isso, o povo Xavante deu três passos para serem incluídos na sociedade civilizatória.

Então, a nossa identidade foi inserida junto à identidade chamada Ocidental. Mesmo sendo incluída, em alguns momentos, ficamos de fora dessa homogeneização. De posse da nova carteira de identidade, nós, indígenas, perdemos os nossos nomes étnicos, os nomes dos nossos ancestrais passam a ser pouco lembrados, porque deixam de ser usados. Diante dessa situação, não somos reconhecidos pela sociedade não-indígena, pois a homogeneização era mais importante para o governo.

Assim, como fica a identidade do povo Xavante perante a nossa Constituição, em cujo artigo 231 do Capítulo III, preconiza: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”? (NASCIMENTO, 2004, p. 131).

Nessa condição, a Constituição de 1988, reconhece os direitos dos indígenas, os quais deveriam ser respeitados na prática, porém, não é o que acontece muitas vezes em nossa realidade. Os indígenas não são respeitados como deveriam, a sociedade nunca irá reconhecer a nossa organização, respeitar tudo aquilo que nos pertence. Já estamos há 52 (cinquenta dois) anos com a redução da identidade e ainda a comunidade brasileira não imagina que isso exista. É fato que as organizações de identidades não são reconhecidas.

Podemos ressaltar também uma característica importante da identidade do povo Xavante, pois esse povo se reconhece como guerreiro quando entra na fase de *'ritéi'wa*, (moços). Quando os jovens estão nessa fase, assumem culturalmente as suas responsabilidades de estar à frente, de protegerem as suas comunidades. Antes de entrarem nessa fase, são orientados por suas comunidades formadoras. Eles devem aprender a ter coragem desde crianças, lutando com o *oi'ó*, (raiz de São José) nome dado por missionários. Essas plantas geralmente ficam à beira do rio, e essas raízes quebram muito fácil, quando dois meninos vão batendo entre eles nos braços em cerimônia de luta. Os meninos devem lutar desde 1 (um) até 9 (nove) ou 10 (dez) anos de idade, depois disso não lutam mais. Antigamente, os meninos lutavam entre si de 1 (um) até os 14 (quatorze) anos. Com 15 (quinze) anos eles se tornavam *wapté*, (adolescentes) e com isso encerravam as lutas.

A cerimônia de luta e outras festas culturais são sempre preparadas antes pelos *ipredu* (adultos), no centro da aldeia, e muito bem organizadas pela comunidade. A respeito dessa luta dos meninos, existem dois clãs definidos: *po'redza'õno* e *öwawe*. Podemos traduzir as duas palavras: *po'redza'õno*, (girino) que ficam nas águas, e *öwawe* (o rio grande). Eu, como um integrante do clã *po'redza'õno*, conheço toda a origem dos clãs de nossa comunidade, por isso, posso afirmar que são apenas dois clãs: *po'redza'õno* e *öwawe* como já citados. Sinto-me seguro para discordar de Maybury (1984) que, em sua obra - *A Sociedade Xavante*, apresenta de forma diferente a classificação dos clãs, apontando um terceiro clã denominado *toptató*. Ao se elaborar um reconhecimento deformado do outro, tem-se instalada uma forma de desigualdade.

Na vida do povo Xavante nunca existiram mais de 2 (dois) clãs. O próprio Xavante sabe que sempre existiram 2 (dois) clãs. Na aldeia *Marãiwatsédé*, os velhos Xavante, de idade avançada, conhecem a origem da divisão e os iniciadores desses clãs:

*Butsé Wawe* e *Pariuptsé Wawe*. O *Butsé Wawe* foi iniciador do clã *po'redza'õno* e o *Pariuptsé Wawe* iniciador do clã *Öwawe*. Eles foram os primeiros que se dividiram, denominando os clãs com esses nomes. A partir dessa divisão, foram acontecendo as cerimônias importantes na vida dos Xavante conforme contam os xavante de *Marãiwatsédé*. Por isso, é importante que os autores escrevam sobre a identidade dos Xavante de uma forma ampla e geral, mantendo-se fiéis à verdadeira origem.

Nós temos grupos que têm as suas histórias, nas aldeias *Marãiwatsédé*, *Norõtsu'rã*, *Parabubu*, *Batovi*, *Pimentel Barbosa*, *Areões*. Esses grupos são os que têm as histórias sobre os seus ancestrais e a cosmovisão, as origens. Cada grupo conta suas histórias diferentes. Geograficamente, *Marãiwatsédé*, minha aldeia, está na região do Alto da Boa Vista que fica próxima de São Félix do Araguaia – MT; *Norõtsu'rã* chamada Couto Magalhães fica na região de Campinápolis – MT; *Parabubu* também fica na região de Campinápolis – MT; *Batovi*, nome conhecido agora como Marechal Rondon, fica na região de Paranatinga – MT; *Pimentel Barbosa*, na região de Água Boa – MT; e *Areões* que fica na região entre Nova Xavantina – MT e Água Boa - MT. Podemos ainda esclarecer que o grupo *Norõtsu'rã* foi se estabelecer em Meruri em 1956, e, em seguida, foi para Córrego Fundo, a aproximadamente 15 km dali, quando juntamente com o padre Bruno Mariano e alguns salesianos os transferiram para fundarem a aldeia de São Marcos, em 25 de abril de 1958.

Apresentando a história da origem dos Xavante de *Marãiwatsédé*, em 15 de agosto de 1966, esse grupo instala-se na aldeia de São Marcos junto com os *Norõtsu'rã* e ainda mais alguns grupos de *Areões*, *Pimentel Barbosa*, *Marechal Rondon* que também já se encontravam reunidos ali.

Maybury-Lewis (1984) apresenta, em sua obra *A Sociedade Xavante*, de forma diferente, a história da origem dos fundadores dos clãs de São Domingos que hoje é *Pimentel Barbosa* na (p. 120, 220 e 221):

1º “Os Xavante Orientais estão divididos em três patriclãs exógamos chamados, respectivamente, de *Pereya'õno*, *Öwawe* e *Toptató*. 2º Segundo os Xavante, houve sempre três clãs. Ouvi versões diversas a respeito da origem desses clãs. Mesmo assim, todas as histórias em certos pontos: os fundadores dos clãs saíram da terra, no começo, quando não havia nada (*'robadi* = tudo vazio); eles eram três e fundaram os clãs *Po'redza'õno*, *Öwawe* e *Toptató*; os três clãs pintaram-se segundo padrões diversos e fizeram um acordo: tomariam sempre, em casamento, os seus filhos uns dos outros. 3º Todos os

meus informantes enfatizaram o estilo peculiar facial dos Topatató indicando, com gestos, o modo pelo qual fazem pequenos círculos nas maçãs do rosto. De fato, o nome Topatató advém provavelmente dessa pintura já que é uma combinação de *To* = partícula demonstrativa + *dato* = olho, círculo. Öwawe vem de Ö = água, rio + wawe = velho (mas que também pode ser usado como aumentativo). Não sei explicar a etimologia de Poredza'ono.”

Nesse caso, podemos afirmar que quando Maybury-Lewis fez a sua pesquisa, os Xavante que estavam sendo entrevistados por ele, não estariam entendendo as perguntas e menos ainda quando explicaram os acontecimentos ao pesquisador, então é possível que tenha havido uma interpretação errônea. Por afirmar desconhecer a etimologia da palavra Po'rezda'õno, o autor demonstra não possuir a informação correta sobre esse clã.

A história dos Xavante de *Marãiwatsédé* desconhece principalmente os nomes dos fundadores dos clãs. Sobre a luta com *oi'ó* dos meninos há dois grupos que se enfrentam: *po'rezda'õno* e *öwawe*, nisso devo insistir que não existem três ou quatro clãs. Para essa luta de *oi'ó* preparam os meninos a terem e a conquistarem a coragem.

Sobre *oi'ó* e sua organização, Maybury-Lewis (1984) comenta resumidamente: “Essa oposição não só é expressa ritualmente na cerimônia do *oi'ó* como também em cada um dos debates no conselho dos homens, onde membros de cada um dos “lados” se levantam para enfrentar-se, desta vez, nos campos da oratória.”

Os Xavante estão divididos em dois grupos: *po'rezda'õno* e *öwawe* respectivamente. Outros autores definem que os Xavante têm três clãs. Quanto à luta dos meninos com *oi'ó*, o menino *po'rezda'õno* deve lutar com um menino do clã *öwawe* ou com um Tobratató, mas Maybury-Lewis aponta *toptató*. Como os *Tobratató* não são clãs, mas ficam do lado do clã *öwawe*, talvez seja por isso que esse autor define três clãs, por estar observando mais um dos símbolos usados. Os *Tobratató* se dizem *öwawe* e não se dizem *tobratató*, porque é somente na luta com *oi'ó* que devem os pais desenhar símbolos abaixo dos dois olhos. Depois disso, vão sempre afirmando ser *öwawe*.

Outro ponto importante na vida do povo Xavante como identidade é o casamento. Os pais dos meninos do clã *Po'rezda'õno* com os pais das meninas do clã *Öwawe* se comprometiam entre eles para futuramente os filhos se casarem. Sobre isso Maybury-Lewis (1984, p.124) afirma: “Os pais dos jovens é que combinam,

inicialmente, o casamento”. Esses meninos ficam durante cinco ou seis anos na *hö* (casa de formação) dos *wapté*, (adolescentes) onde recebem as instruções dos seus padrinhos, acompanhados por toda comunidade, para aprenderem sobre a cultura dos Xavante e serem preparados para a cerimônia de iniciação à vida adulta. Quando termina toda a cerimônia, esses moços se tornam homens, deixando a vida de crianças. A eles eram apresentadas as noivas que, durante muito tempo, foram marcadas para se casarem. Essa apresentação é simbólica e realizada pelas mães das meninas, à vista de toda a comunidade e, a partir daí, o comprometimento deve ser levado a sério em relação às noivas.

Maybury-Lewis (1984, p.127) comenta de forma diferente:

“Os recém-iniciados estavam todos presentes, deitados no abrigo sobre suas esteiras de dormir, com suas faces voltadas para baixo e desviando o olhar. As noivas deste Tirowa foram conduzidas para dentro por suas respectivas mães. Cada mãe deu um pequeno bolo de milho para os Ai’rere e entrou com sua filha. No abrigo, o futuro marido estava deitado sobre o lado, com sua cabeça voltada para o lado oposto ao da entrada e cobrindo o rosto com as mãos. Ela se deitou por um instante ao seu lado embora ele se mantivesse de costas para ela o tempo todo. Depois, ela foi levada embora pela mãe. Algumas das meninas que se casaram assim mal sabiam andar, de modo que tiveram que ser carregadas até o abrigo onde seus maridos as esperavam.”

Comparando o que Maybury-Lewis fala, posso afirmar algo mais: ser *’ritéi’wa* (moço) é assumir os compromissos, é tornar-se homem responsável de si mesmo, ser protagonista, ter iniciativa nos trabalhos para os sogros. Trabalhar para os sogros é estar mostrando o que aprendeu quando estava na *hö*. Essa é uma das tarefas que está se perdendo, não se trabalha mais para os sogros. Isso é uma das mudanças que está ocorrendo hoje por influência externa, mas os jovens para casar, têm de ter boas instruções de vida e orientações dos pais.

O povo Xavante é aquele que não é individualista que só vive com a sua família isolada, morando longe de uma aldeia. A vida dos Xavante é social, nas suas aldeias, cada um sabe se integrar nos seus grupos sociais ou serão compreendidos como facção. Quando há dança cultural, as crianças são livres para poder dançar e cantar ao mesmo tempo. Isso quando os padrinhos com os *wapté* dançam na dança cultural em



volta das casas. As crianças não dançam bem, mas de qualquer jeito, cantam e querem mostrar as suas habilidades de aprendizes para a comunidade. O agrupamento dos meninos na vida dos Xavante não apresenta problemas em relação às variedades de deficiências.

Segundo as palavras de Pérez de Lara (1998, p.214, citada por SKLIAR, 2003, p.163):

A Educação especial [...] aceitava a partição desse sujeito humano, categorizando seus sujeitos segundo as deficiências de que eram portadores – deficientes psíquicos que propõem seus limites diante da razão que define o sujeito humano moderno; deficientes sensoriais, os surdos que propõem seus limites diante da palavra, linguagem fundamental que libera esse sujeito humano comunicando-o com o outro e com o pensamento racional ou os cegos, que propõem seus limites diante da distância que o olhar permite nessa comunicação; deficientes físicos que evidenciam seus limites para o domínio do espaço e do tempo, aceitava todos eles como humanos, já que sempre era possível desenvolver o resto, de razão, de palavra ou de olhar que sobrasse em cada um.

A formação de um grupo inicia-se ainda na pré-adolescência antes de ser *wapté*. Até os meninos que, porventura, apresentam problemas de saúde não devem ficar fora do grupo. Aqueles que são considerados deficientes também devem participar das atividades para conviver melhor com os seus colegas. O que o grupo faz, esse menino também acompanha quando está ao seu alcance. O pai, a comunidade e os seus colegas não obrigam a sua participação.

São duas as questões que estamos ainda lutando para manter em equilíbrio: a nossa cultura e a nossa identidade, para estar sempre vivas, pois em vez de levarmos coisas boas para as nossas aldeias, levamos coisas más às nossas comunidades.

Atualmente, o povo Xavante é considerado um povo unido, partilha suas coisas, seu dinheiro. O pai com sua aposentadoria e outros pais com seus salários mantêm seus filhos. Os avós querem partilhar suas aposentadorias com seus netos, para comprarem roupas e o que eles precisarem.

Isso já existia antes do contato com o mundo do branco. Eles partilhavam suas caças, penas e outras coisas materiais, principalmente, objetos que se usam nas festas tradicionais. Depois que os Xavante começaram a sair das suas aldeias, alguns começaram a levar consigo outros conhecimentos, outro modo de vida, o

individualismo, que não é conhecido pelos próprios Xavante, mas pelos que são contra a unidade da comunidade.

Hall (2004, p.39.) diz: “Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade, porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude”.

Outra identidade forte que o povo Xavante considera importante é o uso da língua materna. As crianças aprendem a falar com os pais antes de serem inseridas na escola. Aos poucos, começam a aprender a escrever e a pronunciar as primeiras palavras em português. Os Xavante são falantes de suas línguas e não usam a língua portuguesa até os 6 anos de idade.

Outro ponto considerado relevante pelo povo Xavante é a identificação da etnia com o uso da madeira nas orelhas, pois entendem que esse pedaço de madeira ajuda a obter a conquista e a sorte acima de tudo. Os Xavante sabem o momento para se usar os vários tipos de madeira, ensinados particularmente pelos pais ou pelos irmãos mais velhos. Na cerimônia da corrida com a tora de buriti os *'ritéi'wa* com *danhohui'wa* usam a madeira própria para a corrida, isso significa que a madeira pode dar efeitos que a tora de buriti fique leve e assim fica mais fácil correr com ela no ombro. Acredita-se que os moços devem correr mais com a ajuda da madeira nas orelhas.

A religião cultural do povo Xavante, como é considerada, é o ápice. É de lá que vêm a força e o bem-estar para a toda comunidade que valoriza muito quando se realiza *Wai'a* no dia. Todos os iniciantes desejam estar presentes para participar. É um sacrifício para todos eles. Inicia-se de manhã e termina no outro dia mais ou menos às 6h30 da manhã. Para os participantes Xavante vale a pena se sacrificar compartilhando essa atividade, porque quem participa é recompensado pelo *Danhimite*, (o filho, o anunciador de Deus), sendo entendido como filho do Criador, ele vem morar com os Xavante, quando celebram as suas festas religiosas indígenas.

Quando se celebra a festa *Wai'a*, (celebração religiosa cultural,) os deficientes não são obrigados a participar para se sacrificar. Nessa celebração, os iniciantes são obrigados a ficar acordados enquanto a celebração é realizada durante a noite toda.

O mito para os Xavante é importante, porque por meio dos contos dos velhos, ensina-se sobre a vida. O mito é também sagrado em outros momentos, quando o velho quer falar aos jovens é preciso ficar em silêncio, ouvindo. Quando um velho Xavante conta história está ensinando como os jovens devem se comportar diante daquele conto, e depois assimilar, mudando as suas atitudes. Os velhos Xavante sabem conduzir os contos dos mitos.

Os mitos não são conhecidos pelos Xavante apenas por conhecer, mas futuramente, quando os jovens tiverem seus filhos, eles também assumem as suas responsabilidades para revelarem para eles. Em algumas oportunidades, um velho pode contar um mito como religião, quando querem ensinar que os jovens precisam se enraizar com as suas crenças tradicionais indígenas. Valorizar o que é do próprio indígena. Os Xavante reconhecem que a religião foi ameaçada inicialmente, quando da fundação do local das aldeias.

Podemos citar Bhabha (1998, p. 115-116, citado por SKLIAR, 2003, p. 114) como aquele que

[...] propõe uma leitura do estereótipo em termos de fetichismo ao afirmar: O mito da origem histórica – pureza racial, prioridade cultural – produzido em relação com o estereótipo colonial tem a função de normalizar as crenças múltiplas e os sujeitos divididos que constituem o discurso colonial como consequência de seu processo de recusa. [...] Isto porque o fetichismo é sempre um jogo ou vacilação entre a afirmação arcaica de totalidade/similaridade [...]: todos os homens têm a mesma pele/raça/cultura [...] e a ansiedade associada com a falta e a diferença [...].

Os Xavante são resistentes à sua religião cultural, amam, gostam quando celebram aquela festa com solenidade, se entregam quando realizam, demonstrando sua boa vontade em participar. Schneider (2008, p.149), no seu livro: Escritoras indígenas e a literatura contemporânea, afirma: “O maravilhoso, o sobrenatural deve ser apoiado na fé, numa crença coletiva em seus poderes”. Os Xavante assumem em comum a sua religião cultural com bastante fé, quando celebram as festas tradicionais.

Por ser considerado um povo menos conhecido, fala-se pouco sobre essa etnia e, refletindo sobre essa condição, aproveitei a oportunidade para escolher o assunto para elaborar este trabalho, intitulado: “Deixe que eu fale da identidade indígena Xavante” com o objetivo de apontar relevantes pontos sobre a cultura e

costumes desse povo. Acredito que o povo Xavante, como apresentado aqui, pode ser definido como apaixonado por sua cultura e por suas crenças, o que os caracteriza como um povo autêntico, guerreiro, bravo, solidário.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRASIL. **Constituição, 1988**: Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n. 1/92 a 22/99 e Emendas Constitucionais de Revisão n. 1<sup>a</sup> 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MAYBURY-LEWIS, David. **A sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

MENEZES, Claudia. **Missionários e índios em Mato Grosso**. Os Xavantes da reserva de São Marcos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1984.

NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola indígena**: palco das diferenças. Campo Grande: UCDB, 2004.

SCHNEIDER, Liane. **Escritoras indígenas e a literatura contemporânea dos EUA/Liane Schneider**. João Pessoa: Idéia, 2008.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Tradução: Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.